DESAFIOS DO ALEITAMENTO MATERNO: UMA ANÁLISE NETNOGRÁFICA

Palavras-Chave: ALEITAMENTO MATERNO, DESAFIOS, MÍDIA SOCIAL, REDES DE APOIO

Autores/as:

ISADORA ZONARO DIAS [UNICAMP]

Profª Drª KELLY CRISTINA BRANDÃO DA SILVA [UNICAMP]

INTRODUÇÃO:

O aleitamento materno é um processo essencial para a proteção e o desenvolvimento de neonatos, visto que, além das muitas funções nutricionais, também é uma ferramenta importantíssima no desenvolvimento orofacial da criança e, ainda, desempenha um papel crucial no fortalecimento de vínculo no binômio mãe-bebê (1). Diante de inúmeras evidências quanto aos benefícios tanto para o lactente quanto para a lactante, a Organização Mundial da Saúde estabelece o leite materno como o melhor alimento a ser ofertado ao neonato e o recomenda, com exclusividade, até a criança completar seis meses de vida e, de forma complementar, até os dois anos ou mais (2).

Todavia, muitas mães apresentam dificuldades ao amamentar, pois, embora a amamentação seja biologicamente natural, é afetada por diversas condições individuais e reais da díade mãe-bebê (3). Diante de tais dificuldades, faz-se imprescindível a formação de redes de apoio ao aleitamento, uma vez que esse suporte se mostra bastante eficaz na melhoria das taxas de aleitamento materno em diversos contextos (4). Nesse cenário, redes de apoio virtuais têm sido utilizadas em diversos âmbitos, garantindo trocas de experiências e também de conhecimento, criando, portanto, um aprendizado colaborativo (5,6). Isso se deve ao fato de que o ambiente virtual pode caracterizar-se como um ponto de encontro entre pessoas distintas que já passaram por situações parecidas, acarretando um sentimento de identificação: termo empregado na psicanálise para definir o processo em que um indivíduo toma para si características ou traços de um Outro (7).

Nesse contexto, a pesquisa em questão insere-se com objetivo de analisar postagens e comentários online de mães lactantes a respeito dos desafios do aleitamento e discutir a função contemporânea das mídias sociais como redes de apoio, além de verificar se os ambientes gerados são ou não de acolhimento. Sob essa ótica, acredita-se que muitas mães se sintam confortáveis em expressar suas dificuldades no aleitamento através das redes sociais, uma vez que tais ambientes podem servir como redes de apoio e acolhimento, promovendo um espaço de compartilhamento de experiências.

METODOLOGIA:

Netnografia é um tipo de estudo que tem sido utilizado como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital, dado que analisa os comportamentos dos indivíduos inseridos na cibercultura*[1]. Nesse sentido, o presente estudo caracteriza-se como documental netnográfico de caráter qualitativo. Nele foram selecionadas três publicações em perfis diferentes de mulheres lactantes, sendo elas: branca sem deficiência, negra sem deficiência e branca com deficiência. Kozinets (2002) (8) descreveu três etapas fundamentais para o método netnográfico, sendo eles (i) preparação para a entrada no campo; (ii) coleta dos dados; e (iii) interpretação e análise dos dados. Seguindo tais etapas, a rede social escolhida foi o Instagram, sendo que os perfis e publicações foram encontrados a partir da pesquisa das hashtags "amamentação", "amamentaçãonegra" e "maecomdeficiencia". A partir das tags, foram selecionadas publicações que abordavam dificuldades no aleitamento materno e o critério de seleção foi a relevância nas redes, com o maior detalhamento e interação possível entre usuários.

É pertinente citar que a interação na rede escolhida ocorre por meio dos *"likes"*, ferramenta simbolizada por ícone em formato de coração, utilizada pelos usuários para indicar que gostaram da publicação e também por meio de comentários, um espaço aberto ao público para a inclusão de seus pareceres mediante à postagem. As publicações selecionadas ocorreram no período compreendido entre o mês de abril de 2020 ao mês de janeiro de 2021. Ademais, a coleta e análise de dados se deu tanto em relação às postagens, quanto aos comentários subsequentes. Quanto à seleção dos comentários mais relevantes, em caso de publicação com altíssima interação, os escolhidos foram os que continham mais "likes" ou comentários. A análise (i) investigou as nuances dos desafios relatados em cada uma das publicações, dado que são perfis distintos, procurando verificar se há diferenças nas dificuldades relatadas por cada uma delas, além de (ii) analisar se seus respectivos comentários são acolhidos pelo público, demonstrando um ambiente de apoio, ou de julgamento, com respostas e *feedbacks* que não respeitam as experiências individuais, acarretando a culpabilização da mãe.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Após análise dos dados encontrados, foi possível definir quatro grandes eixos em relação à repercussão dos três posts, sendo eles: (i) Demonstração de apoio; (ii) Demonstração de sentimento de identificação; (iii) Demonstração de julgamento; (iv) Trocas de informações. É relevante apontar que nas três publicações o público alcançado foi primordialmente mulheres jovens que também são mães.

PUBLICAÇÃO 1

A referida postagem é de uma mulher branca sem deficiência, figura pública – autora Romana Novais Achkar Petrillo (@romananovais). Em sua descrição na rede social apresenta-se como "Médica | Tricologia; Fouder @rowa.store". Romana é mãe de duas crianças e relata as experiências da

[1] O termo cibercultura é utilizado na pesquisa a partir da definição de Pierre Lévy (1999, p. 17): "o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço".

maternidade em suas redes sociais. A publicação selecionada analisa sua experiência com o aleitamento materno de seu primeiro filho. O relato, publicado em 04 de agosto de 2020, é aliado a uma foto amamentando o recém-nascido, segurando-o no colo, com o olhar fixo para ele. A publicação apresentou mais de quatrocentos mil *"likes"* e quase seis mil comentários.

Em síntese, Romana narra que amamentar foi um momento de intensa conexão entre a díade "mãe-bebê", contudo, o processo no início foi marcado por dores -"Nos primeiros dias, lágrimas escorriam quando ele mamava, doía demais". Apesar das dores, a médica relata que o filho se alimentou exclusivamente do leite materno até os três meses de vida. Todavia, ao perceber que a criança não ganhava peso conforme o esperado, substituiu uma das mamadas no período da noite por fórmula. Contudo, Romana engravidou de sua segunda filha no período de lactação, e as dificuldades no aleitamento aumentaram. "Adoraria fazer parte da porcentagem das mães que conseguiram gestar e amamentar ao mesmo tempo. Mas, infelizmente não consegui. Estava muito ansiosa, minha produção foi diminuindo cada vez mais e aos poucos fui substituindo mamadas por fórmula". Desse modo, a criança deixou o aleitamento materno. "Reconheço todo o meu esforço e sei o tanto que sofri quando tudo parou de acontecer como eu sonhava. ".

Infere-se que, embora a lactante tivesse o desejo de amamentar e soubesse dos benefícios do aleitamento materno, tal situação não se concretizou devido a diversos fatores. Desse modo, a mãe utilizou-se das redes sociais para expressar sua experiência e compartilhar seus sentimentos mediante a realidade de sua vivência. A publicação gerou comentários relacionados aos quatro eixos da pesquisa. Devido a extensa base de dados, selecionou-se 150 comentários para a análise.

Nesse sentido, 66 dos comentários enquadraram-se no eixo (i) apoio, equivalente a 44%, a exemplo "Sinta-se acolhida @romananovais, esse foi seu processo de amamentar. Tenho certeza que fez o seu melhor e continua fazendo. Ninguém é menos mãe por parar de amamentar antes do que esperava, ou por não conseguir amamentar nenhum. O vínculo de vocês vai além...". Quanto ao eixo (ii) identificação, foram encontrados 64 comentários relacionados à experiência psíquica de assimilar traços da história de Romana com suas próprias vivências, equivalente a 42,7%(valor aproximado). Entre eles, cita-se "Esse texto me resume...", "comigo aconteceu a mesma situação..." e "me vi nesse texto...".

Em relação ao eixo (iii), observou-se dez comentários de julgamento, equivalente a 6,7%, como por exemplo "Não é que seu leite não sustentava mais, é que você não se cuidou, não pensou no seu filho porque existe várias formas de se prevenir na amamentação, você não pensou nele e somente em você, logo engravidou e deixou seu bebê sem a fonte de alimentação mais importante que é o leite materno.", ou

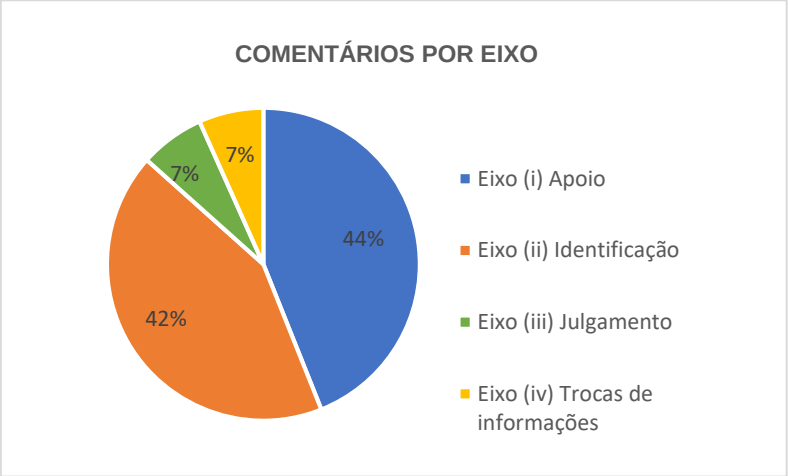

Figura 1- Gráfico de comentários por eixo da Publicação 1

também “Vocês famosos são muito inconsequentes, meu filho tem 2 anos e 3 meses e amamento até hoje.”. É importante ressaltar que os comentários de julgamento não respeitaram a experiência individual da autora da publicação, acarretando culpabilização da mãe. Quanto ao Eixo (iv) Trocas de informações, foram encontrados também dez comentários (6,7%) entre dúvidas e informações científicas, a exemplo “é mito que amamentar grávida causa aborto?”, “Uma mãe pode ter leite “insuficiente” para seu filho?” e “o que *você* acha que realmente serve para aumentar a produção?”

PUBLICAÇÃO 2

Refere-se à publicação que aborda o aleitamento de uma mulher negra – autora Andressa Reis (@andressareiis). Em sua descrição na rede social apresenta-se como “criadora de conteúdo digital, mãe do P. M.; Não faço nada o dia inteiro, SÓ crio crianças incríveis”. A publicação selecionada para a análise relata sua experiência com o aleitamento materno de seus filhos. O relato, publicado em 07 de janeiro de 2021, é aliado a três fotos amamentando duas crianças, uma em cada seio, enquanto mantém olhar fixo nelas. A publicação apresentou quase dez mil “*likes*” e trezentos e oitenta e seis comentários. O relato foi encontrado a partir da hashtag “amamentacaonegra”.

Seu texto diz respeito a sua experiência com foco nas questões de rede de apoio e parentalidade. Nele, aponta que passou por dificuldades relacionadas à exaustão gerada no aleitamento, além do julgamento social que vivenciou ao fazer suas escolhas na maternidade. “Paguei caro pela recusa e ainda pago em prestações não tão suaves de cansaço. Às vezes rolam os acréscimos que me aproximam do limite da exaustão, mas sigo. Umas vão arcar com as implicações de resistir e perseguir suas próprias escolhas, outras vão aceitar (por falta de opção) o valor de escolhas vezes impostas e outras vezes inautênticas. O que não há é isenção de pagamento ”.

Os comentários que seguem a publicação foram todos relacionados aos eixos (i) apoio e (ii) identificação, não havendo ocorrência de comentários referentes aos eixos (iii) julgamento ou (iv) trocas de informações. E relação a comentários de apoio, pode-se citar “Voltei aqui *para* falar o quão importante é seu texto...”; “Eu fiquei emocionada vendo a troca de olhares no amamentar, foto maravilhosa. Livre Demanda é vida*,* mas no seu caso foi redescoberta, que texto! Obrigada por compartilhar...”. Em relação ao eixo (ii) Identificação, encontra-se “*Também* optei por livre demanda e aleitamento materno exclusivo” e “Essa é a definição. A gente sempre paga alguma coisa por ser mãe”.

PUBLICAÇÃO 3

O perfil referido é de uma mulher com deficiência – (@maedeficientevisual). Em sua descrição na rede social apresenta-se como “Criadora de conteúdo digital, momentos compartilhados com amor”. A publicação selecionada para a análise relata sua experiência com o aleitamento materno de seu filho. O relato, publicado em 05 de abril de 2020, é aliado a duas fotos amamentando e apresentou cento e dez “*likes*” e quatro comentários. A busca se deu a partir da hashtag “maecomdeficiencia”.

Em síntese, aponta que encontrou dificuldades e angústias que perpassam pela deficiência visual, “e eu que achava que tinha um bico enorme, descobri que nem bico eu tinha”. Ainda assim, conseguiu realizar o aleitamento materno, sendo que apresentou intensa conexão nos momentos de

amamentação. Por fim, apenas um comentário enquadrou-se nos eixos da pesquisa, sendo ele o eixo (i) apoio, “parabéns, Lu”.

CONCLUSÕES:

Torna-se evidente, portanto, que as mídias sociais servem como meio de expressão e exposição de relatos para mães lactantes, além de ser um espaço de busca por acolhimento e trocas de informações. Notou-se que as nuances relativas ao aleitamento são variáveis em cada perfil, visto que perpassam pelas condições individuais de cada lactante. Ademais, a pesquisa demonstrou que quando são expressas experiências de dificuldades na amamentação, os ambientes gerados são majoritariamente de acolhimento e apoio, seguido de identificação, contudo, também há julgamento, mesmo que em menor proporção. Além disso, foi evidente que quanto maior o número de seguidores e, por consequência, de interação, maior ocorrência de comentários de julgamento e de trocas de informações. Por fim, a pesquisa evidenciou que publicações abordando a temática da maternidade negra e maternidade com deficiência apresentam menores índices de seguidores e interação, tornando-as, muitas das vezes, invisibilizadas, demonstrando, portanto, que o racismo e o capacitismo estrutural da sociedade brasileira estende-se, também, para a *cibercultura*.

BIBLIOGRAFIA

1. NEVES, Cassia Vilene; MARIN, Angela Helena**. A impossibilidade de amamentar em diferentes contextos**. Barbaroi, Santa Cruz do Sul , n. 38, p. 198-214, jun. 2013

2. World Health Organization. **Infant and young child nutrition**.WHA RESOLUTION 54.2, Geneva, 2001

3. ALMEIDA, João Aprigio Guerra de; NOVAK, Franz Reis. **Amamentação: um híbrido natureza-cultura**. J. Pediatr. (Rio J.), Porto Alegre , v. 80, n. 5, supl. p. s119-s125, Nov. 2004

4. ARANTES, Barbara Mafra Neves et al. **Possibilidades de assistência ao aleitamento materno: Um panorama sobre as redes de apoio à amamentação.** Brazilian Journal of Development. Vol 6, No 3, março, 2020

5. CABRAL, Caroline Sousa et al. **Inserção de um grupo virtual na rede social de apoio ao aleitamento materno exclusivo de mulheres após a alta hospitalar.** Interface (Botucatu), Botucatu, v. 24, e190688, 2020

6. HARARI Nurit et al. **Feasibility and acceptability of a text message intervention used as an adjunct tool by WIC breastfeeding peer counsellors: the LATCH pilot**. Matern Child Nutrition. Vol 14(1):e12488, Jan, 2018

7. ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. São Paulo: Martins Fontes, 2001

8. KOZINETS, Robert V. The field behind the screen: Using netnography for marketing research in online communities. **Journal of marketing research**, v. 39, n. 1, p. 61-72, 2002